

AIKHENVALD, Alexandra; **MUYSKEN**, Pieter C. (eds.) (2011). *Multi-verb Constructions. A View from the Americas*. Leiden, Boston: Brill. Pp. xx+ 313. ISBN 978 90 04 19452 6.

Em várias línguas do mundo, principalmente naquelas faladas na África Ocidental, Sudeste da Ásia, Oceania, Nova Guiné, em línguas Crioulas e em algumas línguas das Américas, encontram-se construções do tipo que se mostra na língua Tariana (Arawak):

- (1) *uni nu-na [phiita pi-nu pi-eme*
water 1sg-OBJECT 2sg+take 2s-come 2sg-stand+CAUS
pi-sita]-ka
2sg-finish-RECENT.PAST.VISUAL
'You have already brought water for me.' (lit. you-took you-come you-put.standing
you.finished water for me) (Aikhenvald 2011: 2, ex. 1)

Nessa construção há quatro verbos que ocorrem sequencialmente, constituindo um único predicado e, por isso mesmo, esses verbos manifestam-se sem marcadores de coordenação ou de subordinação, além de, nessa mesma construção, não ser possível inserir pausas, nem seus constituintes serem questionados ou aceitarem marcas de polaridade de forma independente. Construções como as do Tariana em (1) são chamadas pela teoria linguística de “construções com verbos seriais, ou construções com multiverbos” e, atualmente, é um tópico de grande interesse tanto para os seguidores da Gramática Gerativa, em suas diversas versões, quanto para os linguistas que seguem uma abordagem funcional-tipológica nos estudos das línguas naturais.

Justamente, o livro recentemente organizado por Aikhenvald e Muysken “*Multi-verb Constructions. A View from the Americas*”, editado pela Brill’s Studies in the Indigenous Languages of the Americas, traz nove artigos que tratam de construções com verbos seriais tendo como foco idiomas representativos falados nas Américas, tais como: Paiute do Norte (Uto-Azteca), Totonako do Alto Necaxa (Totonako), Teribe (Chibcha), uma variedade do Quechua Equatoriano (Quechua), Uchumataqu (Uru-Puquina), uma língua já extinta que foi falada na Bolívia, as línguas Shipibo-Konibo (Pano), Aweti (Tupi-Guarani), Yurakaré e Movima, essas duas últimas línguas consideradas “isoladas” e que são faladas nas terras baixas da Bolívia.

Além dos nove artigos incluídos na obra, há o texto “*Multi-verb constructions: setting the scene*” escrito por Alexandra Aikhenvald (pp. 1-26). Nele, a autora contextualiza os aspectos teóricos e descritivos que norteiam a análise dos dados das línguas descritas no presente volume. Segundo Aikhenvald, uma construção típica com verbo serial “is defined as a sequence of inflected verbs or verb roots which act together as a single predicate, without an overt marker of coordination, subordination or syntactic dependency of any other sort” (p. 3). Uma aproximação mais ampla das construções com verbos seriais é apresentada em outro artigo da mesma autora (Aikhenvald 2006). Conceitos adicionais podem ser encontrados, igualmente, em outros trabalhos como o de Ameka (2003), que apresenta uma descrição tipológica dos verbos seriais em algumas línguas da África Ocidental.

Segundo Aikhenvald, os verbos seriais podem ser classificados com base nos seguintes parâmetros.

i) Constituição em termos da unidade palavra. Por esse parâmetro, os verbos seriais podem estar constituídos por várias palavras fonológicas e gramaticais ou, simplesmente, formarem uma única palavra fonológica, estruturada por uma sequência de bases verbais;

ii) Contiguidade na ocorrência dos componentes. Aqui interessa considerar as relações sintagmáticas que se dão entre os verbos seriais, eles ocorrem contíguos ou, ao contrário, apresentam-se de forma descontínua?

iii) Expressão e marcação das categorias funcionais. É uma propriedade importante dos verbos seriais que recebam uma única marcação para todas as categoriais funcionais como as de tempo, aspecto, modo, assim como também uma única marcação de polaridade. Essa propriedade, segundo a autora, permite-nos diferenciar construções com verbos seriais daquelas que são coordenadas e subordinadas. Contudo, é possível que os marcadores de uma mesma pessoa se manifestem separadamente em cada componente, como no exemplo (1) da língua Tariana. Nesse caso, segundo Aikhenvald, é uma característica tipológica que marcadores de pessoa sejam mais propensos “to acquire multiple marking in a serial verb construction than categories of any other sort” (p. 8);

iv) Composição dos verbos seriais. Com base na composição estrutural do verbo, Aikhenvald classifica os verbos seriais em simétricos e assimétricos. No caso de construções com verbos seriais simétricos, os componentes provêm de uma classe aberta de verbos e a semântica do significado é composicional. Já em construções com verbos seriais assimétricos, a combinação se dá entre um verbo de uma classe fechada e os outros verbos são provenientes de uma classe aberta; além disso, os verbos dessas duas subclasses não partilham o mesmo status semântico: os verbos da classe fechada ou verbos ‘menores’ costumam levar a especificações de aspecto, direção, ou a característica fasal de toda a construção.

Na sequência, a contribuição de Thornes “*Dimensions of Northern Paiute multi-verb constructions*” (pp. 27-61), nos submerge na análise das construções multiverbais no Paiute do Norte, uma língua da família Uto-Azteca falada na região Ocidental da América do Norte. O autor focaliza duas construções multiverbais: a) construções com “verbos secundários”, b) construções que ocorrem com uma série de prefixos instrumentais. Além de focalizar as características desses dois tipos de construções, Thornes abre uma discussão adicional (cf. seção 4, p. 50-57) para construções multiverbais com verbos associados (“converbs”) e a composição formada por verbo-verbo.

De acordo com Thornes, tanto as construções com “verbos secundários” quanto as que recebem o prefixo instrumental, são assimétricas, pois o componente que define a construção pertence a uma classe fechada, que ocorre ligado a qualquer uma da classe aberta de verbos. As construções com verbos “secundários” podem ser definidos como verbos seriais, pois elas se enquadram nas características de verbos seriais adiantadas no texto de Aikhenvald (pp. 1-26, cf. também Aikhenvald 2006). Nessas construções, os verbos classificados como secundários têm matizes semânticas de postura e de movimento, que é uma propriedade relevante partilhada pelas línguas que mantêm construções com verbos seriais.

As construções com prefixo “instrumental” estão constituídas pela ocorrência de uns vinte prefixos derivacionais, cuja função principal é indicar os meios ou maneiras pelas quais a ação é codificada e realizada pelo verbo. Em consonância com Thornes, esses prefixos “instrumentais” qualificam-se, pelo menos diacronicamente, como um tipo

de construções com multiverbos, muitos deles relacionados etimologicamente com as protorraízes verbais. A lista desses prefixos e suas relações com as protorraízes verbais são apresentadas, pelo autor, no quadro 2.4, pp. 41-42.

A composição verbo-verbo é outro tipo de construção que, segundo Thornes, poderia ser considerada como construções que envolvem multiverbos, pois operam no mesmo nível da estrutura verbal como se fossem prefixos “instrumentais”.

Outro tema, abordado por Thornes, relaciona-se com as construções com verbos associados (“converb constructions”). Elas são formadas por dois sufixos verbais que têm como função principal indicar a subordinação adverbial em Paiute do Norte. Um deles, o sufixo {-si} codifica a relação de sequencialidade/anterioridade dos eventos, contendo um mesmo participante sintático. O outro sufixo, {-na} denota a simultaneidade dos eventos, mas não acarreta a condição da construção ter o mesmo participante sintático.

No próximo texto, “*Lexical, quasi-inflectional, and inflectional compounding in Upper Necaxa Totonaco*” (pp. 63-106), David Beck aborda o processo de composição no Totonaco do Alto Necaxa, uma língua falada por indígenas que habitam a região da Serra Norte do Estado de Puebla, México. De acordo com o autor, o processo da composição é usado tradicionalmente para criar novos lexemas nas línguas. No Totonaco do Alto Necaxa, ao contrário, a composição serve para formar palavras morfossintáticas com as características tanto flexionais quanto quase flexionais. Esse é um fato interessante que ainda precisa ser explorado pela teoria morfológica.

Dentre os diversos tipos de composição descritos, Beck considera uma subclasse de verbos estativos de postura, que jogam um papel importante no Totonaco do Alto Necaxa, pois esses verbos constituem a base para a composição denominada quase flexional. Quatro raízes verbais são mencionadas, a saber: *wi:t* ‘estar sentado’, *ya:t* ‘estar de pé’, *ma:t* ‘estar deitado’, *wakq̄t* ‘ser alto’. Os primeiros três verbos denotam literalmente a postura dos seres animados e a configuração dos objetos que metaforicamente mantém relação com a postura humana. Já o quarto verbo, *wakq̄t* ‘ser alto’, usa-se para descrever a posição de qualquer um ou qualquer coisa acima da linha de visão do observador, ou o que é mais elevado do que um ponto de referência implícita (p. 86). Esses quatro verbos podem ser usados também como predicados existenciais.

Três dos verbos que denotam postura, isto é, *wi:t* ‘estar sentado’, *ya:t* ‘estar de pé’ e *wakq̄t* ‘ser alto’ servem de bases para a formação de compostos quase flexionais assimétricos. Como menciona Beck, a derivação desses compostos é produtivo e semanticamente transparente, eles “seem best treated not as new lexemes but as quasi-inflectional stems belonging to the same lexeme as the dynamic member of the compound” (p. 91, cf. também exemplos citados pelo autor em (22), p. 91). No caso específico do verbo de postura *ma:t* ‘estar deitado’, a língua Totonaco do Alto Necaxa tem assimilado à categoria fasal funcionando como marcador de aspecto progressivo, de modo que os que eram inicialmente compostos quase flexionais constituídos sobre a base estativa de esta raiz, são atualmente, mais bem analisados como flexionais, como se vê no exemplo, a seguir.

- (2) *ik-tawaká-ma:t* *na-ik-má:ʔsti:čawá:* *čik*
 1SG.SJ-be.high-PROG FUT-1SG.SJ-put.roof.on house
 ‘I’m up here, “I’m going to roof the house.” (Beck, ex. 29a, p. 98)

Em “*The Grammar of Teribe verb serialization in a cross-chibchan perspective*” (pp. 107-131), Diego Quesada apresenta-nos a gramática dos verbos seriais em Teribe, uma língua Chibcha falada nos países de Costa Rica e Panamá. Foco da análise de Quesada é a gramaticalização dos componentes menores, isto é, os auxiliares que também ocorrem nas construções com verbos seriais. Avançando um pouco mais em sua abordagem, o autor mostra as vias de gramaticalização da serialização verbal seguidas pelo Teribe e por outras línguas Chibcha irmãs, como Bribri, Cabecar e Cuna. As diferenças de gramaticalização encontradas entre essas línguas relacionam-se com vários graus de gramaticalização que sofreram os verbos de posição. Ao tratar especificamente da serialização em Teribe, Quesada mostra que, nessa língua, uma construção serial pode estar constituída por, até, quatro verbos, em que, pelo menos, um verbo é de movimento e/ou posição. Assim, em Teribe é possível encontrar construções seriais do tipo:

- (3) *tawa* *shro-no* *to* *tek* *shäng*
 1PL.EXL arrive-PFV go come POSIT.STAND
borwa *lanma* *tok*
 1PL.EXCL.POSS husband with
 ‘we came with our husbands.’ (Quesada, ex. 3, p. 108)

A guisa de conclusão, Quesada postula que no processo de gramaticalização da serialização verbal nas línguas chibcha é possível identificar três estágios.

- (i) Um estágio (I) incipiente. As línguas Bribri e Cabecar estariam nessa fase. Os verbos continuam conservando seu peso semântico e sintático, eles ainda não se comportam como verbos seriais, mas operam como uma sequência de dois verbos lexicais que expressam dois estados de coisas simultâneos;
- (ii) Um estágio (II) em aumento. Esse é o caso da língua Teribe. A sequência de verbos já se estrutura claramente em um único predicado, sendo um dos seus membros um verbo menor, cuja presença é obrigatória, mas ainda continua mantendo certa variabilidade sintática;
- (iii) Um estágio avançado (III). Nessa fase encontra-se a língua Cuna. Em este estágio, os membros da construção serial já mantêm uma posição fixa, possuem uma alta coesão e os verbos menores começam a perder sua independência sintática (pp. 129-130).

Pieter Muysken em sua contribuição com o tema “*Multi-verb constructions in Ecuadorian Quechua*” (pp. 133-156), aborda as diferentes construções na variedade quechua falada na região de Salasaca, Equador. Tendo como base as construções com multiverbos, Muysken reconhece sete tipos: i) sufixos verbais derivacionais, tais como *-naya* ‘causativo’, *-chi* ‘desiderativo’, *-mu* ‘cislocativo; ii) grupos verbais infinitivos; iii) construções auxiliares com o copulativo *ka-* ‘ser’, que envolve o passado habitual, passado potencial ou irrealis, e o estativo-passivo; iv) complementos com verbos de movimento, originalmente marcados agentivos e indicando o alvo da ação; v) complementos derivados de construções citativas; vi) sequências com os verbos associados, o venitivo *shamu-* ‘vir’ e o andativo *ri-* ‘ir’, e vii) um único verbo serial nu em construção comparativa, que ocorre com as funções de advérbio ou de adposição.

Cada um desses tipos de construções é analisado sistematicamente, considerando uma série de traços os quais revelam o grau em que essas construções com multiverbos sofreram reconstrução interna, para, em seguida, serem levados à formação de predicados complexos.

No próximo texto (pp. 157-183), “*Desiderative Verb Sequences in Uchumataqu*”, Katja Hannß apresenta um estudo sobre o Uchumataqu, uma língua da família Uru-Chipaya, atualmente extinta, mas que foi falada principalmente no vilarejo de Irohito na costa sul-oriental do Lago Tititaca, na Bolívia. Como não há mais falantes dessa língua, o estudo da autora se fundamenta nos documentos sobre essa língua, produzidos entre os anos de 1894 e 1952. A discussão levantada por Hannß é ver se as sequências com o verbo desiderativo podem ser tratadas como um tipo de construções seriais e, em caso afirmativo, sobre que bases.

A autora discute as características de vários tipos de sequências verbais em Uchumataqu, dentre eles, aquele em que ocorre sequencialmente o verbo de cognição *sisa* ‘saber, conhecer’, e o desiderativo *pék* ‘querer’. Quando esses dois verbos coocorrem numa construção não há marcadores de coordenação ou de dependência sintática. Ao contrário, eles ocorrem adjacentes; o primeiro deles, o verbo *sisa* ‘saber’ não apresenta marca morfológica alguma, e o segundo, o verbo *pék* ‘querer’, recebe os marcadores que indicam a categoria de tempo, aspecto e pessoa, além de receber como morfema de fecho, o clítico =*čay* ‘declarativo’.

Como parte de suas conclusões, Katja Hannß assume que as sequências com verbo desiderativo seriam, inicialmente, reminiscentes de construções com verbos seriais; outros tipos de sequências apresentam menos semelhanças com as construções de verbos seriais. Para ela, é mais lógico pensar que a justaposição de dois verbos era uma estratégia de complementação e que podem mostrar alguma semelhança com construções seriais, mas que, definitivamente, o Uchumataqu nunca foi estritamente uma língua de serialização.

O subsequente tema “*multi-verb predicates and transitivity harmony in Shipibo-Konibo*” (pp. 185-212) é tratado por Pilar Valenzuela. De acordo com Valenzuela, o Shipibo-Konibo, uma língua da família Pano, falada na região da Amazônia Peruana, exhibe restrições na harmonia de transitividade, que estão presentes em dois tipos de construções multiverbais: i) combinações verbais assimétricas, cujos componentes menores estão diacronicamente relacionados a verbos de movimento, ii) construções bicasuais com verbos fasais, que partilham um mesmo participante.

Na construção serial assimétrica, o verbo principal descreve o evento, sendo modificado semanticamente por um verbo da classe menor ou fechada. O verbo “menor” é uma base que expressa um significado de movimento deictivo, que pode ter seu antecedente em um verbo independente, mas que está semanticamente relacionado. Por exemplo, as formas dos verbos andativo e venitivo exibem essencialmente a mesma distribuição do que seus verbos etimologicamente relacionados, ‘vir’ e ‘ir’ (p. 190, cf. também a lista dessas bases e seus paralelos verbais independentes no quadro 7.1, p. 191).

A autora chama à atenção para dois traços importantes que conspiram contra a condensação do encadeamento das orações em construções de uma única oração com verbos seriais: i) a possibilidade de que os dois verbos não ocorram contíguos, ii) a presença da morfologia relacionada às cadeias com referência alternada (“switch-reference”). Contudo, os dados discutidos por Valenzuela (cf. exemplos 46-48, p. 205) sugerem uma mudança em progresso, pela que determinadas construções encadeadas fasais estão desenvolvendo-se

em suas correspondentes orações seriais monoclausais.

‘*Derivational verbs*’ and other multi-verbs constructions in Awetí and Tupí-Guaraní por Sebastian Drude (pp. 21-254) trata das propriedades semânticas e formais das construções com “gerúndio” em Awetí, uma língua Tupí falada na região do Alto Xingu, no Brasil Central, Estado do Mato Grosso.

Na língua Awetí, conforme Drude, as construções com ‘gerúndio’ consistem principalmente de dois verbos: um verbo de conteúdo lexical, que ocorre tipicamente no gerúndio, e um verbo leve, tipicamente finito. Uma descrição das características das construções com gerúndio, as mesmas que se aplicam à maioria das línguas Tupí-Guaraní, são resumidas, pelo autor, nas páginas 220-221; as características semânticas específicas das construções com gerúndio são também sistematicamente discutidas (cf. pp. 227-231).

Drude levanta a questão se o “gerúndio” das línguas Tupí-Guaraní são verbos seriais dependentes ou, ao contrário, podem ser tratados como auxiliares. Ele mostra, recorrendo a vários trabalhos publicados e que abordam as construções com gerúndio em línguas Tupí-Guaraní, que esse tipo de construções existe realmente nessas línguas, podendo ser reconstruído para o Proto Tupí-Guaraní. De fato, essas construções não são homogêneas, mas podem ser classificadas em diferentes tipos semânticos e funcionais, e na maioria dos casos, têm sua correspondência nos tipos semânticos descritos para o Awetí.

Os dois últimos textos da presente obra abordam duas línguas ainda faladas na Bolívia. O primeiro deles, “*Multi-verb constructions in Yurakaré*” (pp. 255-281), é da autoria de Rik van Gijn. Já na introdução, o autor menciona que o Yurakaré é uma língua isolada, ou seja, não classificada em uma família linguística definida. É uma língua altamente ameaçada, pois os jovens já não a adquirem como língua materna, e muitos deles têm apenas um conhecimento passivo da língua.

Segundo Van Gijn, a língua Yurakaré possui três tipos de construções com multiverbos: coordenado, assimétrico e licenciamento. A construção de licenciamento introduz um elemento que não pode manifestar-se por se próprio, é o caso, por exemplo, dos ideofones. Os ideofones são elementos que precisam de um elemento predicado para ser integrados como uma unidade no discurso (p. 272).

Os três tipos de construções, discutidos pelo autor, consistem de dois elementos verbais contíguos numa construção monoclausal, partilham dos participantes (principalmente dos participantes sujeitos), da marcação de modalidade e de polaridade, além dos marcadores de evidencialidade, dos marcadores que indicam atitudes dos falantes e dos marcadores fasais.

O segundo texto, e último, que integra esta obra, leva por título “*Movima Phasal Verbs*” (pp. 283-305) da autora Katharina Haude. O Movima é também uma língua isolada falada na região da Amazônia Boliviana. Segundo Haude, essa língua não apresenta uma variedade grande de construções com multiverbos. Além dos fasais bipartidos, a única construção que pode ser considerada uma estrutura com multiverbos, é uma construção serial assimétrica, na que sempre está envolvido, como primeiro elemento, o verbo *joychet* ‘ir’ e como segundo elemento um verbo que expressa propósito (p.283).

Os verbos fasais, segundo a descrição da autora, são formas complexas que consistem de um prefixo lexical, que indica a fase inicial ou final de um evento; de uma raiz, que pode ser ela própria uma raiz verbal, um verbo pleno, ou um elemento lexical idiossincrático, denotando o evento mesmo; e, na maioria dos casos, os verbos fasais

recebem um sufixo. Como uma de suas conclusões, Haude assume que os verbos fasais podem ser considerados como construções multiverbais, tendo em conta a natureza lexical dos prefixos, que têm sua origem numa raiz verbal ou são cognados com ela.

Em suma, os pontos esboçados nessa resenha dão uma breve noção dos tópicos e das línguas abordados no livro organizado por Aikhenvald e Muysken. Esta obra representa uma importante contribuição para os estudos das línguas Ameríndias. Os diversos textos incluídos trazem uma grande variedade de dados que, juntos com a visão teórica dos autores, nos permitem ter uma ideia mais clara sobre a estrutura de construções com serialização verbal. Este livro publicado pela editora Brill é bem-vindo; ele, sem dúvida, passará a ser um elemento de consulta básica para todos aqueles que se dedicam tanto ao estudo das línguas Ameríndias quanto aos estudos funcional-tipológicos dessas línguas.

REFERÊNCIAS

- AIKHENVALD, Alexandra Y. (2006). Serial verb constructions in typological perspective. In _____; R.M. Dixon (eds.). *Serial Verb Constructions. A Cross-linguistic Typology*, pp. 1-68. Oxford: Oxford University Press.
- AMEKA, Felix K. (2003). Multiverb constructions in a West African areal typological perspective. In Bermann, Dorothee e Hellan Lars. *The Proceedings of the Trondheim Summer School (TROSS)*, pp. 1-23. Norges teknisk naturvitenskapelige universitet. < http://edvarda.hf.ntnu.no/ling/tross/ameka_TROSS03_paper.pdf > Acesso 30/8/2012.

Angel Corbera Mori
CELCAM/IEL-UNICAMP.

Recebido: 30/9/2012

Aceito: 5/11/2012